



O FILOSOFAR HISTÓRICO E A ANALÍTICA DA PRODUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES¹

Ronivaldo de Oliveira Rego Santos¹ (PQ)*, Idonizeth Alves Pereira², (PQ) Lucas Dourado dos Santos³ (PG), Ana Paula Ferreira dos Santos⁴ (IC)

1 UEG (Campus Campos Belos), roniregogo21@gmail.com

2 UEG (Campus Campos Belos)

3 UEG (Campus Campos Belos)

4 UEG (Campus Campos Belos)

Resumo: Trata-se de discutir como se desenvolve, de Nietzsche a Foucault, uma analítica da produção dos indivíduos em sujeitos, uma história dos modos de objetivação e subjetivação. Nesse sentido, na primeira parte desta análise apresento como os dois pensadores, por meio da crítica ao sujeito moderno, desenvolvem uma analítica de como os sujeitos são fabricados historicamente e em contextos específicos, problematizando a ideia do sujeito metafísico. Para tanto, faço uma incursão em textos dos dois autores, privilegiando a temática da loucura. Em Nietzsche, penso o aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, o homem louco, mas também outros textos. Da lavra de Foucault, discuto de modo mais pontual questões relativas à *História da Loucura*. Estas leituras se fazem importantes, pois são os fios condutores para a segunda parte da análise, que consiste na análise da produção do sujeito louco, como um exemplo entre outros possíveis. Esse recurso é utilizado para discutir a atualidade do filosofar histórico como perspectiva interessante para entendermos e problematizarmos o nosso tempo. Sendo assim, um filosofar histórico sobre a loucura, mas também sobre outros temas, podem colaborar para uma reflexão mais apurada sobre a nossa modernidade e sobre a racionalidade que produzimos, bem como sobre os seus limites.

Palavras-chave: Tempo presente. Nietzsche. Foucault. Loucura.

Introdução

A reflexão acerca do tempo presente, desde pelo menos o desenvolvimento sistemático da razão iluminista, já se fazia presente no pensamento de um dos seus mais proeminentes filósofos, Immanuel Kant. Trata-se de pensar o que é o ser humano no momento em que os acontecimentos ocorrem, no momento em que eles nos afetam diretamente.

¹Este trabalho está vinculado ao projeto de Pesquisa: Nietzsche, Foucault e a história da constituição da subjetividade, desenvolvido na UEG – Campus Campos Belos. É, pois, o resultado das primeiras leituras e discussões ocorridas no interior do projeto, atrelando-se e conjugando-se com outras pesquisas em desenvolvimento.



A principal crítica que Nietzsche faz aos filósofos é que eles não aprenderam o sentido histórico da reflexão filosófica. Mas também é preciso considerar que há historiadores que continuam fazendo metafísica. Nessa perspectiva, o que pretendemos discutir aqui, é justamente a importância de conjugarmos esses dois saberes para possibilitar maior compreensão da história e do nosso tempo.

Nietzsche e Foucault são as luzes, mas também as sombras desse caminho, são as ferramentas para esse trabalho histórico-filosófico, que é fundamental para descortinar justamente aquilo que somos neste exato momento. Para isso, lançamos mão de ferramentas conceituais que ajudam a evidenciar a necessidade do filosofar histórico, acerca dos processos de fabricação da loucura. Trata-se de se observar o modo como o louco e a loucura são representados como sendo o oposto da razão, uma espécie de desrazão.

Essa dicotomia produz também os meios de combate e de encerramento da loucura. Ao mesmo tempo a sua exclusão das relações sociais comuns e sua inclusão nas instituições de encarceramento. Estas são constituídas a partir da pretensão de que existe uma razão absoluta, à qual todo o contrário deve ser classificado e colocado abaixo da representação hierárquica, pois precisam ser 'curados' e 'melhorados'. Deveriam ser forjados, portanto, para serem seres úteis ao 'desenvolvimento' de todos os aspectos sociais.

Resultados e Discussão

Como assevera, acertadamente, Walter Benjamin (1987, p. 229), na lida com o conhecimento histórico não podemos entender o passado como estático, ao contrário, trata-se de entender que a história “[...] é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”.

No texto *O sujeito e o poder*, Foucault faz um elogio à Kant quando este, no desenvolvimento de suas perspectivas, escreve sobre o presente. Como observa Foucault, seria o filósofo de Königsberg um dos primeiros filósofos a pensar historicamente a importância do presente. São as palavras de Foucault (2014, p. 127):



No final do século XVIII, Kant publica em um jornal alemão - o Berliner Monatschrift - um texto muito curto, que ele intitula *Was heisst Aufklärung?*. Considerou-se por muito tempo - e se considerado ainda - esse texto relativamente menor. Mas não posso deixar de achá-lo, ao mesmo tempo, surpreendente e interessante, por que, pela primeira vez, um filósofo propõe como tarefa filosófica analisar não somente o sistema ou os fundamentos metafísicos do saber científico, mas um acontecimento histórico - um acontecimento recente, da atualidade.

Na sequência Foucault destaca os principais elementos que considera importante na angústia kantiana e a coloca em relação ao modo cartesiano de pensar o eu:

Quando Kant pergunta, em 1784: *Was heisst Aüfklärung?*, ele queria dizer: “o que acontece neste momento? O que nos acontece? Que mundo é este, esta época, este momento preciso em que vivemos?” Ou, para dizer as coisas de outra maneira: “Quem somos nós como *Aufklärer*, como testemunhas deste século das luzes? Comparemos com a questão cartesiana: quem sou eu? Mas, como sujeito único, mas universal e não histórico? Quem sou eu, eu, por que Descartes é todo mundo, em qualquer lugar e em qualquer momento? Mas a questão apresentada por Kant é diferente: quem somos nós, neste momento preciso da história? Essa questão é, ao mesmo tempo, nós e nossa situação presente que ela analisa. (FOUCAULT, 2014, p. 127-128).

Foucault destaca ao modo de pensar de Kant, justamente porque, como argumenta Bèatrice Han (2008), o pensamento do primeiro, em sua totalidade, nos propicia pensar a história dos modos de subjetivação a partir do presente; ao mesmo tempo provoca-nos a pensá-la não só a partir dos preceitos da ciência, da metafísica, ou do eu cartesiano, mas, sim nas relações de poder, saber e verdade, historicamente constituídas por seres humanos reais para atuarem sobre outros seres humanos reais.

No final do § 2 de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche, logo depois de Kant, estabelecia uma das mais importantes provocações para os historiadores e para os filósofos: “[...] não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas. – Portanto, o filosofar histórico é doravante necessário [...]”. Pode-se dizer que esse filósofo sugere que não cabe mais aos filósofos fazerem metafísica, nem tão pouco aos historiadores fazerem história geral. Trata-se, a partir desse momento, de se filosofar historicamente e de fazer história filosoficamente.



Discutindo as possibilidades e contradições acerca do modo como Nietzsche entende o sentido histórico, André Luiz Mota Itaparica (2005) sugere que para o filósofo do eterno retorno, boa parte dos filósofos de sua época e dos precedentes,

[...] não compreendem[iam] que tudo sobre o que podemos pensar é resultado de um processo histórico, e não o reflexo de uma origem supra-sensível. Propondo uma filosofia histórica, livre das influências da metafísica e da religião, Nietzsche procurará incluir na filosofia a modéstia, virtude que ele encontra nos historiadores, ou seja, a busca por um método científico de observar os fatos nos mínimos detalhes e reconstruir a partir deles os momentos de seu desenvolvimento até sua forma atual, ao invés de uma interpretação pretenciosa e global da realidade (ITAPARICA, 2005, p. 85).

Em *A Gaia ciência*, ao propor a desconstrução dos valores metafísicos, Nietzsche sugere caminhos para diferentes possibilidades, outras perspectivas, inclusive de pensar a ciência. O que está em cheque é a questão do *Cogito*, a pretensão gramatical que se convencionou a procurar e estabelecer uma unidade racional como *causa primeira* do mundo, viabilizando uma função agente, um sujeito que faz, exerce uma ação, que pensa e conhece.

Ora, se a crítica de Nietzsche se situa, em certa medida, na forma em que a humanidade nega a vida e o ser artista, a sua proposta de ciência jovial poderia ser a seta para se pensar historicamente o indivíduo? Não seria a crítica nietzschiana do sujeito, uma provocação àqueles que recusam ao mundo e a vida, logo da própria história, à temporalidade? Trata-se apenas de um dizer sim ao mundo, à vida, e à dialética caos e forma, à possibilidade de destruir e criar a si mesmo, não a partir de uma entidade, mas de si mesmo e da historicidade que envolve cada. Criar suas próprias ilusões, alienar-se a elas, mas virar o rosto quando quiserem lhes impor uma doutrina ou uma ilusão que não é sua.

Desse ponto de vista, o filosofar histórico expressa-se de maneira provocativa em *A Gaia Ciência*, em especial no aforismo 125. Tal texto, causador de muitas polêmicas e interpretações, pois denuncia a morte de Deus, apresenta mais do que isso. Entre outras possibilidades está a cisão entre a racionalidade metafísica moderna e os novos operadores que se instalam no século XIX; há também um reconhecimento do modo como a história é dinâmica; mais ainda, pode ser a provocação de que o louco nem sempre é o ser que é o desraçado, mas sim



aquele detentor da maior lucidez que os supostos são. Nesse sentido, o sentimento e a necessidade da ordem de determinado *status quo*, provoca a criação de uma série de mecanismos de subjugação do louco e da exclusão da loucura.

Pode-se inferir ainda, que desse processo, surge uma série de instituições que irão, por um lado, regular a loucura, tentando resguardar a sociedade e, por outro, aquelas que irão conter o louco, livrando-a da desrazoada loucura. Em tom irônico poderíamos dizer: em uma sociedade racional, não há condições de se deixar explicitar os seus problemas por meio daqueles que não são “portadores da razão”.

Nessa perspectiva, o grito da loucura entoando na parábola de Nietzsche, nada mais é que sua insurgência contra os princípios racionalistas estruturados na modernidade, e cujo tipo originário é Sócrates. Tal protótipo formou, modelou o ser humano para que este fosse manipulável, atendesse aos princípios da racionalidade extrema. Do mesmo modo, a racionalidade serviu de inspiração para a criação das instituições que fabricariam os sujeitos conforme a conveniência de uma determinada razão dominante. Não obstante a isso, a maior instituição de privação do louco é ignorá-lo como detentor de uma posição. No texto do homem louco, Nietzsche descreve que, após entoar o seu grito, o homem foi motivo de gargalhadas e este mesmo se reconheceu como fora de seu tempo. Trata-se, portanto, de uma convocação ao reconhecimento histórico do tempo dos acontecimentos, da compreensão de que somos seres temporais, mesmo quando somos extemporâneos.

Deve-se perguntar ainda: O que fará a humanidade após o vislumbre do declínio de sua racionalidade personificada em Deus? Criaria a humanidade, a partir daquele momento, novos deuses, novas formas de fugir de sua realidade trágica? Ouvir-se-ia, a partir de então, as vozes dos loucos? Ou ao invés de ignorá-los, os controlaríamos com dispositivos de racionalidade, de cura e de terapêutica? Mas, afinal, o que quer Nietzsche com essa parábola? Nossa hipótese é que ele tenta fazer de modo poético, uma análise histórica do seu presente, tal como fizera Kant.

Se Nietzsche utiliza a linguagem metafórica, poética, para falar da razão, de modo diferente, Foucault propõem uma reflexão sobre a loucura a partir da maneira



como as instituições se relacionam com ela. Em *História da Loucura*, o que está em questão nessa história não é mais, na transição do século XVIII para o século XIX, o encerramento, o sequestro do louco, mas os modos como podem ser justificadas essa ação, a partir da ideia tratamento moral. Foucault situa sua discussão em dois expoentes da psiquiatria, Pinel e Tuke, que ela chama de seres quase mitológicos. Enquanto este institucionalizada, na Inglaterra os retiros terapêuticos, aquele pensava a organização do asilo. O asilo seria um lugar onde há:

[...] um domínio uniforme da legislação, um lugar de sínteses morais onde se apagam as alienações que nascem nos limites exteriores da sociedade. Toda a vida dos internos, todo o comportamento dos vigilantes em relação a eles, bem como o dos médicos, são organizados por Pinel para que essas sínteses se efetuem (FOUCAULT, 2014, p. 489).

Os meios para a regulação e ordenação do louco, que também servem de premissas para toda a organização asilar são três: o silêncio, o reconhecimento no espelho e o julgamento perpétuo. Rego Santos (2018, p. 29-30) assim sintetiza esquematicamente, esses meios:

[...] o primeiro é *silêncio*, que significa o silenciamento de todas as pessoas que estão em volta do alienado, provocando nele, pelo menos como queria Pinel, a produção do fim do espetáculo que levava o louco a conduzir suas ações. Trata-se, portanto, de uma forma de encerrar o diálogo entre a razão e loucura, para se produzir o aparecimento da confissão; o segundo é o *reconhecimento no espelho* procedimento segundo o qual seria produzido o reconhecimento da loucura nos outros loucos, isto é, se o indivíduo alienado não consegue reconhecer sua própria loucura, deveria reconhecer no outro, que seria o espelho, esse reconhecimento inicial da loucura nos outros seria o caminho para a confissão da própria alienação; o *julgamento perpétuo*, por sua vez, representa o modo como o asilo produzirá naquele que é internado, todas as formas para julgá-lo.

Na esteira de Foucault, Rego Santos (2018, p. 30) destaca que em função desses mecanismos “[...] mesmo que a sociedade exterior ao asilo retire a culpa do louco, o asilo continuará julgando-o”. Isso por que há um outro elemento que servirão de base para eles, pelo menos tem papel organizador, pois é a partir dela que a psiquiatria passará a frequentar a horda científica no século XIX, trata-se da figura do médico (FOUCAULT, 2014; REGO SANTOS, 2018). Ele representaria “[...] o



vínculo entre a justiça, a ciência e a filantropia, uma vez que ele, o médico, é aquele que poderia, pelo menos teórica e juridicamente, curar o louco” (REGO SANTOS, 2018, p. 30). A partir dessa relação, a loucura deixaria de ser um fenômeno sem explicação e se tornaria alvo da ciência médica, ela se tornaria doença mental. Dadas essas condições o médico passa a ser figura comum no interior das práticas asilares. Foucault (2014, p. 497) diz o seguinte sobre isso: “Desde o fim do século XVIII, o certificado médico tinha se tornado mais ou menos obrigatório para o internamento dos loucos [...] no interior do asilo o médico assume um lugar predominante, na medida em que o transforma num espaço médico”. Em tom problematizador, o parágrafo continua, mas não mostrando o médico como figura da ciência e como um agente da moral.

Não é como cientista que o *homo medicus* tem autoridade no asilo, mas como sábio. Se a profissão médica é requisitada, é como garantia jurídica e moral, e não sob o título da ciência. Um homem de grandes conhecimentos, de virtude íntegra e com longa experiência do asilo poderia bem substituir o médico. Pois o trabalho do médico é apenas parte de uma imensa tarefa moral que deve ser realizada no asilo e que é a única que pode assegurar a cura do insensato (FOUCAULT, 2014, p. 497).

Mas o que é sentido histórico nesse contexto? Trata-se de entender que organização social nunca está vinculada a um único espectro. Ela é um complexo de ordenamentos e valorações que tem uma história. Partimos do princípio de que o poder-saber médico está extremamente vinculado a essa organização, pois tem poder de atribuir nomes, pode, por exemplo, dizer quem é o louco e quem é o são.

Nessa perspectiva, parece acertado o argumento de Sugizaki (2006, p. 21) para quem a dinâmica e o movimento histórico-filosófico é capaz de problematizar não só a história, mas própria metafísica bem como os modos de experimentação:

Trata-se, isso sim, de saber como a história pode analisar os jogos de verdade, inclusive os jogos da metafísica, para fazer o levantamento das sucessivas construções históricas do ser. Mas o ser não se constitui historicamente por si mesmo. Não é a história do próprio ser que se pretende fazer, mas a história de como ele é experimentado.

Desse modo, o filosofar histórico aponta para a possibilidade de se problematizar, de se pensar os modos de produção das subjetividades a partir de



relações históricas efetivas, em especial a história do modo como somos objetivados e subjetivados, a história de como passamos de indivíduo para sujeitos. A história da constituição da subjetividade apresenta-se, portanto, no campo de uma “história efetiva” (FOUCAULT, 1979), em uma condição muito precisa, a do presente.

Nessa medida, trata-se problematizar a importância de se pensar os indivíduos no interior dos regimes de verdade, nas experiências humanas, ou melhor, nos experimentos que nós fazemos com nós mesmos, muitas vezes conduzidos por representações inconscientes. Logo, a percepção da subjetividade apresenta-se nas teias de relações históricas, concretas. Mas, são também filosóficas, pois questionadoras do *modus operandi* histórico ao qual o sujeito está inserido.

Considerações Finais

Como se pode perceber, o que está em jogo com o filosofar histórico não é discutir o que é loucura? ou o que é a verdade? Mas sim discutir como se produzem representações, como esses conceitos e etiquetas são forjados nos jogos de linguagem. Mais ainda, não há necessariamente a obrigação de se estudar um caso específico, uma instituição, é possível tentar produzir uma interpretação das relações sociais e o modo como elas, mediadas por saberes e poderes, produzem, no interior da cultura, as representações da loucura e as representações sobre a necessidade de combater, seja via instituições, seja no próprio modo individual que nos comportamos e dizemos diante das tais anormalidades. Nossos dizeres e comportamentos acontecem agora, no presente, momento. Sendo assim, trata-se de se pensar historicamente sobre o que nos tornamos agora.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 15-37.

_____. O sujeito e o poder. In: *Ditos e Escritos IX. Genealogia da ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Forense Universidade, 2014, p. 118-140.

_____. Le sujet et le pouvoir. In: *Ditsetécrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, p. 222-43.

_____. *História da Loucura: na Idade Clássica*. Trad. Jose Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HAN, Béatrice. The analytic of finitude and the history of subjectivity. In: GUTTING, Gary. *The Cambridge companion to Foucault*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 176-207. Disponível em: [http://copyfight.me/Acervo/livros/CAMBRIDGE%20COMPANIONS.%20GUTTING,%20Gary%20\(org\).%20Foucault.pdf](http://copyfight.me/Acervo/livros/CAMBRIDGE%20COMPANIONS.%20GUTTING,%20Gary%20(org).%20Foucault.pdf). Acesso em: 10 ago. 2018.

ITAPARICA, André Luiz Mota. Nietzsche e o sentido histórico. In.: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, 19, 2005, p. 79-100. Disponível em: http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/u41/CN019_1.79-100.pdf. Acesso em: 08 ago. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Companhia de Bolso).

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Companhia de bolso).

REGO SANTOS, Ronivaldo De Oliveira. *O projeto do Hospital Psiquiátrico Aduado Botelho de Goiânia em uma história da loucura no Brasil (1930-1950)*. 2018. 192 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3923/2/RONIVALDO%20DE%20OLIVEIRA%20REGO%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2018

SUGIZAKI, Eduardo. *Uma história dos modos de subjetivação: Foucault e a Idade da vida*. Projeto de pesquisa de estágio doutoral na França. Universidade Federal de Goiás/Universidade da Picardia Júlio Verne, 2006. (mimeo)